

BOLETIM Nº 04 INFORMATIVO

ATIVIDADES COM O ARMAZÉM DO
CAMPO- RIO EM 2024



OBSERVATÓRIO DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE
BASE COMUNITÁRIA DO RIO DE JANEIRO

DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DO OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE
COMUNITÁRIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Pensando na Agroecologia e na Educação Ambiental de Base Comunitária com o Armazém do Campo - Rio



SEMINÁRIO FORMATIVO

“Vozes da Roça: Rodas de
Conversa com produtores e
produtoras do MST- Rio”

PÁGINA 5

BATE PAPO: COLOMBIA - BRASIL

“Territórios Campesinos
Agroalimentarios na Colômbia
(TECAM)”

PÁGINA 17



EDITORIAL

O Armazém do Campo - Rio está localizado na Lapa, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Desde 2018, esse espaço comercializa alimentos saudáveis e promove atividades culturais e artísticas que trazem ao debate a luta pela reforma agrária popular e sua importância para a construção de um mundo mais justo, habitável e digno.

Conhecido como a loja do MST, o Armazém vende diversos produtos orgânicos e agroecológicos provenientes de assentamentos da reforma agrária popular e de pequenos agricultores, tornando-se uma referência na capital carioca. Nesse espaço, cultivam-se relações mais justas - seja por meio do trabalho cooperado, da produção de alimentos sem veneno ou das relações de respeito à natureza.

Quem vive na cidade pode, ali, experimentar um modelo alternativo à depredação socioambiental. Trata-se de uma proposta de construção coletiva e solidária das relações com a terra e com o trabalho.

No estado do Rio de Janeiro, existem vinte assentamentos e dois acampamentos da Reforma Agrária Popular. Semanalmente, o Armazém organiza uma feira onde produtoras(es) comercializam frutas, legumes, mudas, leite e outros alimentos vindos diretamente dos assentamentos, a preços acessíveis - muitas vezes similares aos de produtos com agrotóxicos.

*Visite: <https://rio.armazemdocampo.com.br>

EDITORIAL

Nesse contexto, produtoras e produtores realizaram um seminário formativo voltado ao público visitante do Armazém Rio, em parceria com o Observatório de Educação Ambiental de Base Comunitária. Ao longo de quatro encontros, o seminário abordou desde a história dos assentamentos no estado do Rio de Janeiro, até práticas de plantio, além da luta e dos desafios diários para construir uma prática agroecológica e democrática.

Os preços de diversos alimentos no Armazém do Campo ainda são comparáveis aos das lojas de produtos naturais ou suplementos dietéticos. Essa diferença em relação aos supermercados é frequentemente usada por setores que atacam a reforma agrária popular e defendem os latifúndios e as monoculturas (modelos incompatíveis com a vida no planeta). E neste boletim, são os próprios produtores que respondem a essa crítica: enquanto o agronegócio é financiado com bilhões em recursos públicos, quem trabalha com agroecologia recebe migalhas. Por isso, apostar na agroecologia exige uma política pública robusta, que a reconheça como prioridade em qualquer agenda de desenvolvimento.

EDITORIAL

Desde o Observatório, compreendemos que assentamentos e territórios campesinos, são espaços privilegiados para a produção contínua de conhecimentos e de estratégias de educação ambiental de base comunitária, por meio das práticas agroecológicas e da luta pela terra. Afinal, uma educação ambiental que se propõe descolonizadora implica a luta pela devolução das terras e o restabelecimento de relações mais justas com os territórios.

Assim, a esperança de adiar o fim do mundo se tece desde a base, onde a maioria da população resiste, se transforma e re-existe diante dos poderosos que insistem em destruir a vida, a favor do lucro, da guerra, do controle. Enquanto alguns jogam bombas, nós plantamos alimentos, paz e esperança todos os dias. Vivemos de forma simples, rimos, choramos, acordamos, trabalhamos, fazemos o bem*, resistimos, e nos indignamos e lutamos por um mundo mais justo

BOA LEITURA!

**Alejandra Irina Eismann
Barbara Gonçalves Fagundes
Celso Sanchez Pereira**

*DE OLIVEIRA, Carolina Alves Gomes; SÁNCHEZ, Celso. Quais temas as mulheres das classes populares trazem à Educação Ambiental de base Comunitária?. Pesquisa em Educação Ambiental, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2024. Disponível em <https://www.geasur.com/artigos>

SEMINÁRIO FORMATIVO:

“VOZES DA ROÇA: RODAS DE CONVERSA COM PRODUTORES E PRODUTORAS DO MST- RIO”

Seminário oferecido pelas produtoras(es) do Coletivo Alaíde Reis do MST-Rio

Toda semana, o Armazém do Campo Rio, recebe a Feira da Terra Crioula, um espaço de comercialização e fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica. Produtoras e produtores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), organizados no Coletivo Alaíde Reis, trazem diretamente dos assentamentos da região Norte do estado uma variedade de frutas, legumes, laticínios e outros alimentos produzidos na agricultura agroecológica e familiar.

Além de oferecer alimentos saudáveis e livres de veneno, a Feira também é um espaço de troca de saberes e fortalecimento da luta por formas dignas e sustentáveis de viver.

Em julho de 2024, foi realizado um seminário formativo com quatro encontros, no qual produtoras(es) ministraram aulas, compartilhando suas experiências e conhecimentos.

Como resultado, trechos e aprendizados do seminário podem ser encontrados no Diário de Campo, nas próximas páginas...

Veja a Feira Crioula no Enlace:
<https://www.instagram.com/p/DFqC9gB0k0d/>



Fotografia tomada num dia de seminário

O Coletivo Alaíde Reis é um grupo de famílias organizadas para comercializar os produtos da Reforma Agrária. As cestas com esses produtos podem ser encomendadas por meio da página do Armazém do Campo Rio, acessível pelo link. <https://rio.armazemdocampo.com.br/produtora/coletivo-alaide-reis/>

HISTÓRIAS DAS OCUPAÇÕES MST-RIO (10/07/2024).



Registro fotográfico do dia

Gilberto, produtor do assentamento Terra da Paz, coordenador de transporte e vendedor do Coletivo Alaíde Reis, abriu o ciclo de conversas com o tema "Histórias das Ocupações do MST-Rio". Ele compartilhou, por exemplo, que ingressou no movimento aos 18 anos por acaso, após um convite de um amigo: "Vamos para os Sem Terra!".

"SEM LUTA NÃO TEM CHARME!"

Contra a realidade de terras e prédios vazios, Gilberto relatou como pessoas em situação de rua foram acolhidas pelos assentamentos e, segundo ele, conseguiram "se encontrar e ter uma vida digna, com trabalho, comida, teto e saúde, tudo promovido pela luta pela terra". Quando alguém lhe diz: "Gil, eu não tenho mais jeito", sua resposta é sempre: "Vem para a roça".

"A ROÇA DOS ASSENTAMENTOS É SAÚDE, É ONDE SE PRODUZ ALIMENTO LIMPO" (GILBERTO)

Amigo de Cícero Guedes, liderança fundadora do movimento brutalmente assassinada, Gilberto compartilhou histórias sobre as práticas políticas desenvolvidas para garantir o acesso à terra e ao trabalho. Ele destacou, em especial, a consolidação do assentamento São Roque no início dos anos 1980.



**“NESSA HORA É QUE EU
ME SINTO GENTE, QUE
EU ME SINTO GRANDE”
(GILBERTO)**

Neste dia, Gilberto também relatou detalhes da história da reintegração de posse dos assentamentos Dandara e Casimiro de Abreu. Para que isso fosse possível, foram necessárias grandes mobilizações das trabalhadoras e trabalhadores assentados, além de intensas negociações com juízes e autoridades estatais.

Por fim, enfatizou o preconceito enfrentado pelo Movimento Sem Terra, alimentado por propagandas contrárias à luta pela reforma agrária. No entanto, reafirmou que as trabalhadoras(es) rurais amam a terra, querem vê-la produtiva e têm um profundo compromisso com a sociedade. Elas e eles socializam os seus alimentos e acreditam que cada simpatizante tem o poder de contribuir para ajudar.



Fotografias dos assentamentos, cedidas pelo Armazém do Campo Rio

**“A gente produz com muito amor para a cidade, a cada
simpatizante tem uma família com uma ferramenta na mão”
(Gilberto)**

17/07. CADEIA DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.

Celso Antunes foi o produtor que se debruçou sobre este tema. Desde 1996, foi assentado em Barra Mansa e, atualmente, reside no assentamento do Piraí. No assentamento, aplica a técnica agroflorestal, onde o plantio de árvores e frutas se combina com o de hortaliças, produzindo uma variedade de alimentos em vez de monoculturas.



Cartaz de divulgação do dia

17/07. CADEIA DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.

Ele destacou a importância dos cursos de formação em agroecologia para as famílias assentadas, já que muitas vêm das cidades ou estão acostumadas com o modelo de agricultura baseado em agrotóxicos, o qual ainda é o mais amplamente utilizado no campo. Esses cursos são ministrados por produtores(as) experientes e contam com o apoio de grupos universitários e da Embrapa.

Relatou também como começou o Coletivo Alaíde Reis, a partir de um grupo de WhatsApp do sindicato de professores. Entre 2017 e 2018, o coletivo começou a vender na Lapa. Desde então, a logística de transporte tem sido um aspecto central para a comercialização.

Inicialmente, o coletivo conseguiu uma Kombi, e posteriormente, adquiriu um caminhão, financiado com o investimento inicial das famílias e o apoio da Rede Agroecológica. No entanto, esta feira foi desestruturada no início da pandemia de Covid-19.



**Fotografias dos assentamentos,
cedidas pelo Armazém do Campo Rio**

Celso também contou que durante a pandemia surgiu o projeto “Nós por nós”, com o qual, produtores(as) do MST doaram cestas de alimentos para grupos e comunidades vulnerabilizadas.

Por outro lado, no assentamento do Celso, a produção principal é de hortaliças, frutas e leite. Além disso, as(os) assentadas(os) produzem geleias, queijo e requeijão.

Também cultivam aipim, considerado estratégico por poder ser armazenado na terra por um período de 1 a 3 anos, dependendo da variedade, além de não exigir solos muito férteis.

"O AIPIM DEVERIA SER O NOSSO PÃO, NO LUGAR DO TRIGO!" - AFIRMA CELSO ANTUNES

Além do aipim amarelo, também é cultivado o aipim bravo para a produção de farinha. A couve é outra cultura estratégica, pois pode ser colhida o ano inteiro, embora ainda seja necessário comprar as mudas.

Celso explica que cada cultivar tem seu próprio período de colheita, diferentemente das produções que utilizam agrotóxicos e conseguem oferecer os produtos durante todo o ano. O que é difícil de entender para as consumidoras(es):



Fotografia do dia da roda de conversa

Uma das dificuldades com os consumidores e consumidoras, é que “eles estão acostumados com produções que utilizam agrotóxicos e conseguem ter todos os produtos o ano inteiro” (Celso Antunes).

“NOS ASSENTAMENTOS SE TRABALHA COM OS CICLOS NATURAIS DE PRODUÇÃO”



Fotografias dos assentamentos, cedidas pelo Armazém do Campo Rio

Mas ele destaca, que, com o devido investimento em sistemas de irrigação, sombreamento e preparo do solo, seria possível garantir uma maior diversidade de cultivares ao longo do ano, sem o uso de agrotóxicos. Assim, ressalta a urgência de um maior investimento do Estado na agroecologia e na agricultura familiar para assegurar a efetivação da Reforma Agrária Popular.

“CADA CULTIVAR TEM O SEU PERÍODO PARA PLANTAR”

Por exemplo, Celso explica que durante o verão, há maior quantidade de chuva, maior fotoperíodo e temperaturas mais altas. A produção pode ser prejudicada, pois algumas plantas crescem muito rapidamente nessas condições, enquanto outras não se desenvolvem adequadamente.

No inverno, pode ocorrer um período de até um mês sem chuva. Se o feijão estiver florescendo e não chover, toda a produção pode ser perdida. Além disso, as geadas típicas dessa estação afetam diferentes cultivares.



Fotografia do dia.

“OUTRA DIFICULDADES PARA GARANTIR A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS É O DESMANTELAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A REFORMA AGRÁRIA POPULAR”.

Outro desafio destacado por Celso é a falta de diversidade nos alimentos conhecidos pelos consumidores(as). Para vender, os produtores(as) precisam se adaptar a essas preferências, mas é fundamental promover uma educação dos paladares, pois os hábitos de consumo são moldados pelas opções disponibilizadas no mercado.

“A população tem o paladar reduzido ao que oferece o mercado e não ao que a natureza dispõe”.

Na casa dele, há mais de 19 variedades de bananas, incluindo figo, roxa, laranja e champanhe. No entanto, nos mercados, apenas algumas variedades estão disponíveis, e a população acaba se acostumando com essas opções limitadas.



Fotografias dos assentamentos, cedidas pelo Armazém do Campo Rio.

Por outro lado, ele relata que todo assentamento tem início com a ocupação das terras que não estão cumprindo sua função social, com as famílias organizadas em acampamentos.

Esse processo é uma luta coletiva, protagonizada por pessoas que foram excluídas de tudo. Muitas das famílias assentadas trazem um histórico de negação de direitos fundamentais por parte da sociedade e do Estado.

Portanto, uma vez que as parcelas de terra são divididas, é fundamental investir na formação continuada, com o objetivo de promover a produção agroecológica e comunitária.

"A luta é coletiva! (...) É essencial investir na formação em agroecologia e no movimento para que possamos seguir atuando em coletividade".

24/07. DESAFIOS NA AGROECOLOGIA: ALIANÇA DO CAMPO E DA CIDADE



Este encontro foi liderado por Ruth Rodrigues, que trabalha diretamente na coordenação do Armazém do Campo.

Ela destaca que o MST tem a agroecologia como princípio e acrescenta que essa forma de produção é parte de uma luta coletiva pela terra, cujo objetivo é criar condições de existência. Também, neste contexto, ressalta a importância da agricultura urbana.

Para Ruth, a Agroecologia não se limita a um modelo de produção restrito a técnicas, pelo contrário, é uma forma de produção que estabelece uma relação mais harmônica com a natureza e com as relações humanas: “Principalmente, com as relações de trabalho, já que se dá na forma de cooperação”.

Segundo ela, a Feira Crioula (a feira que acontece no Armazém às quartas feiras), além de proporcionar cestas e alimento, também faz possível o contato entre produtores(as) e consumidores(as), permitindo que esses últimos conheçam de onde vem o alimento e como esse é produzido.

Destaca que em 2024, o MST fez 40 anos de luta pela terra, na qual os assentados(as)(es) se somam para cooperar e para produzir. Mas observa que:

ENFRENTAM DESAFIOS, LIGADOS AO DESMONTE DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR E AO BAIXO INVESTIMENTO DO ESTADO NA AGROECOLOGIA

Por exemplo, ela cita o plano Zafra, pelo qual foram destinados **40 bilhões para o agronegócio**, que ocupa a terra com um modo capitalista de produção **insustentável para qualquer outra forma de vida, e mantém a fome**.

E o compara com os escassos **70 milhões destinados para a agroecologia**. Somado a isso, menciona a falta de créditos e de assistência técnica, assim como de **tecnologias de baixo impacto** para trabalhar a terra.

“o movimento desenvolve um sistema de produção não capitalista para acabar com a fome e garantir uma forma de vida saudável, com melhores relações entre humanos e não humanos. O movimento produz o melhor alimento, nas piores condições materiais”

“IMAGINA SE A SOCIEDADE INVESTIR TODO O SEU POTENCIAL EM FORMAS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTO SEM MALTRATAR A TERRA?” (RUTH RODRIGUES).



Ruth Rodrigues-
Coordenadora do
Armazém do Campo-
RJ



Outro desafio apontado por Ruth é o controle das sementes. Esse controle é fundamental, pois os bancos de sementes tradicionais desempenham um papel crucial na preservação de espécies e dos conhecimentos diversos associados a elas.

Para isso, o MST produz sementes crioulas com cooperativas como a Bionatur. Mas também devem comprar para transnacionais.

Por último, mas extremamente importante, Ruth destaca os desafios de garantir uma educação contextualizada e abrangente, que inclua áreas como as artes, além de preservar a coletividade e a cooperação. Ela enfatiza a necessidade de manter vivo o espírito de luta, para que o movimento não seja enfraquecido pela individualização.



Fotografia cedidas pelo Armazém do Campo Rio

“A VONTADE DO MOVIMENTO NÃO É PRODUZIR PARA O MERCADO, SE NÃO PARA AS PERIFERIAS”

31/07. ORGÂNICO VS AGROECOLÓGICO

Para finalizar com o seminário Ruth Rodrigues e Barbara Fagundes aprofundaram sobre o dilema planteado no título. Muitas vezes, o que compramos com o selo orgânico não tem veneno, mas tem exploração laboral e preços inacessíveis para a maioria da população.

Portanto, a produção de orgânicos não necessariamente é agroecológica, porque mantêm modos de relações exploratórias do sistema capitalista, nas palavras delas:



“A PRODUÇÃO DO ORGÂNICO NÃO COMBATE A LÓGICA DO SISTEMA QUE PREVÊ O LUCRO”



A agroecologia, por outro lado, é uma forma de produção não capitalista que busca trabalhar de maneira coletiva e cooperativa, estabelecendo relações de trabalho justas, combatendo a fome e preservando o solo.

Segundo Barbara e Ruth:

“O desafio da produção de alimentos livres de agrotóxicos é, sobretudo, político, demandando políticas públicas que garantam crédito e assistência técnica, de modo a viabilizar uma produção de baixo custo, acessível a todas as pessoas, e não apenas aquelas ”que podem pagar mais caro”.

Outro tema mencionado foi o selo orgânico, que possui um custo monetário e, portanto, é difícil de pagar. Como alternativa, existem formas coletivas de certificação agroecológica.

Para finalizar, observam que:

As feiras agroecológicas, a Feira Terra Crioula e o Armazém do Campo Rio, no centro da cidade, são espaços de luta pela Reforma Agrária Popular, que busca garantir um modo de produção coletivo e não exploratório em relação à natureza.

“É importante ter bandeiras do movimento dentro da cidade, por exemplo, este espaço que permite combater as *fake news*, que dizem o movimento ser terrorista” (Ruth).

“E vale a pena ressaltar que ocupar terras improdutivas é um direito” (Barbara)



Fotografias cedidas pelo Armazém do Campo Rio

BATE PAPO: COLÔMBIA – BRASIL

TERRITÓRIOS CAMPEVINOS AGROALIMENTARIOS NA COLÔMBIA (TECAM)

Em maio de 2024, o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) convidou o Observatório de Educação Ambiental de Base Comunitária para organizar um seminário com representantes dos movimentos sociais colombianos Coordenador Nacional Agrario (CNA) e Congreso de los Pueblos, a fim de intercambiar experiências sobre a luta pela reforma agrária no Brasil e a implementação dos Territorios Campesinos Agroalimentarios (TECAM) na Colômbia.

Assim, Paula Varga, do CNA; Mauricio Reyes, do Congreso de los Pueblos; Luz Angela Roja e Humberto Palmera, do MPA; e o professor Celso Sánchez, da UNIRIO, fizeram um apelo conjunto à luta pela sociobiodiversidade, contra a necropolítica e as monoculturas de ideias e formas de ser e estar no planeta.

Os TECAM representam um avanço para consolidar a Reforma Agrária na Colômbia.



Fotografias do dia

Boletim Informativo

É um material de comunicação institucional

Coordenação Editorial

Alejandra Irina Eismann
Bárbara Gonçalves Fagundes
Ana Elisa Figueiredo
Celso Sánchez Pereira

Autores/as

Alejandra Irina Eismann
Bárbara Gonçalves Fagundes
Marcella Zeitune
Guilherme Gonçalves
Celso Sánchez Pereira

Coordenação das atividades relacionadas neste boletim

Barbara Gonçalves Fagundes
Alejandra Irina Eismann
Ruth Rodrigues
Luz Ángela Rojas
Celso Sánchez Pereira



Foto: “O Legado de Roseli Nunes”, Fonte: <https://mst.org.br/2018/03/31/o-legado-de-roseli-nunes-um-simbolo-da-luta-pela-terra-no-brasil/>





**OBSERVATÓRIO DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE
BASE COMUNITÁRIA DO RIO DE JANEIRO**

O Observatório conta com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital Universal 2021.

**Coordenador geral do Observatório de Educação
Ambiental de Base Comunitária**
Celso Sánchez Pereira

Parceiros



DEA/MMA

SAIBA MAIS

www.geasur.com
Instagram: @gea.sur
Facebook: GEASur
E-mail: grupogeasur@gmail.com

